

# O cuidado horizontal entre bebês de berçários: reflexões a partir da experiência com a Metodologia IRDI



paz no plural

**Autora: Paula Gruman Martins – UFRGS**  
**Orientadora: Profa Dra. Milena da Rosa Silva – UFRGS**

## • Introdução

Com a crescente procura de famílias pelas instituições de educação infantil para o cuidado cotidiano dos bebês (Ministério do Planejamento, 2010), a psicanálise tem se proposto ao estudo do papel de agentes que os educadores desses locais podem desempenhar no processo de subjetivação (Mariotto, 2009). Nesse contexto, entende-se que as educadoras de berçário podem desempenhar um papel subjetivante na constituição desses bebês (Brandão, 2012), que muitas vezes passam mais tempo na companhia dessas profissionais do que com suas famílias.

A pesquisa “O impacto da Metodologia IRDI em crianças que frequentam creches no seu primeiro ano e meio de vida” (IRDI na creche) propôs-se à intervenção em salas de aula de berçários de creches municipais ou conveniadas à Prefeitura Municipal de Porto Alegre (Ferrari et al., 2013). No ano de 2014, essa pesquisa realizou visitas às creches, em que uma dupla de pesquisadores passava um turno com a turma de berçário. Nesse acompanhamento, que ocorria com frequência semanal, buscava-se trabalhar a relação entre educadoras e bebês, uma vez que se compreendia a relevância dessas profissionais para a constituição psíquica.

No entanto, uma vez inseridos nas creches, notávamos a ocorrência de momentos de interação entre os bebês em que estava colocada uma relação horizontal de cuidado, além da vertical entre educadoras e bebês. Assim, percebeu-se a importância de discutir as relações bebê-bebê para o processo de vir a ser sujeito, sobretudo porque a função do semelhante para a constituição psíquica é um assunto relativamente pouco abordado na psicanálise. Portanto, neste estudo, que deriva da pesquisa “IRDI na creche”, parte-se das observações em sala de aula das relações entre os bebês para discutir o lugar que ocupa o semelhante na subjetivação e como se constitui esse cuidado horizontal. Numa tentativa de melhor compreender tais fenômenos, faz-se um percurso por diferentes abordagens dentro da teoria psicanalítica.

## • Objetivo

Este trabalho visa a discutir o papel que a relação com o semelhante desempenha no processo de subjetivação de bebês que frequentam creches.

## • Método

A partir de observações em sala de aula e da leitura dos diários de campo dos pesquisadores, propõe-se a discussão, amparada nas teorias psicanalíticas, da função do semelhante nas relações bebê-bebê.

## • Participantes

Bebês de 0 a 18 meses, acompanhados pelo “IRDI na creche”.

## • Resultados e discussão teórica

- Notamos que os bebês que buscavam o contato com os outros e conseguiam estabelecer um brincar com o colega eram bebês que não apresentavam riscos psíquicos, de acordo com avaliação pelo IRDI – Indicadores clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil.
- Percebemos que quando os bebês não estabeleciam entre eles qualquer tipo de relação, isso tendia a indicar dificuldades no processo de constituição psíquica
- Muitas relações entre os bebês eram marcadas pela rivalidade, em uma disputa pela atenção da educadora. Entretanto, havia momentos de cuidado entre os bebês.
- Uma cena exemplifica isso:
  - Em uma creche particularmente afetada por problemas como violência, atravessamentos institucionais e questões de relacionamento entre as educadoras, que afetavam o seu cuidado com os bebês, a hora do soninho era um momento caótico. Meio à confusão, uma bebê coloca outro bebê “para nanar”, dando tapinhas em suas costas.

Diversos autores apontam a função estruturante do outro, semelhante ou duplo para a constituição psíquica (Kaës, 2011; Kancyper, 1999; Kehl, 2000). A literatura psicanalítica, entretanto, pouco abordou o estudo das relações horizontais entre bebês e crianças pequenas. Para os fins deste estudo, foi necessário debruçar-se sobre os autores que estudaram as relações fraternas e seu papel na constituição psíquica. Entende-se que a relação entre os bebês não é equivalente à dos irmãos em uma família, mas se constata a existência de semelhanças. Ainda, as teorizações existentes tendem a referir-se a crianças mais velhas ou adultos, isto é, a relações pós-Edípicas. Cabe ressaltar tal limitação e apontar essa lacuna nos estudos psicanalíticos.

Goldsmid e Féres-Carneiro (2011) entendem que fraterno não se restringe à relação entre irmãos, incluindo a trama horizontal entre pares, semelhantes ou diferentes. O outro permitiria uma maior definição da imagem de si, a partir das semelhanças e diferenças. A relação com o semelhante também tornaria possível identificações horizontais, secundárias às verticais (Goldsmid & Féres-Carneiro, 2011; Kehl, 2000).

Em relação ao cuidado, Goldsmid e Féres-Carneiro (2011) referem que, em situações de abandono, a relação horizontal fraterna às vezes substitui, na medida do possível, a ausência da dimensão vertical de cuidado, com os pais. Relaciona-se essa proposição às situações que por vezes nos deparávamos nos berçários, de falta de um cuidado suficiente por parte dos adultos. Seria o cuidado entre bebês a sua melhor alternativa possível em um contexto pouco favorável?

Lacan (1987) propõe o complexo de intrusão, forma arcaica de relação com o outro. Tal complexo se definiria como a experiência que o sujeito vive quando se distingue dos irmãos. Acontece ainda em tenra idade do bebê, entre os 6 meses e 2 anos de idade, sendo que o outro deve ter idade aproximada, por exemplo, um bebê com seu irmão recém-nascido. Assim, tal complexo vem a ser quando o bebê ainda está em um estado indiferenciado em relação ao outro, com quem se identifica. O complexo de intrusão

consiste em um momento constitutivo em que o pequeno sujeito se vê em relação a seus semelhantes (irmãos). Em um primeiro momento, aparece o sentimento de ciúmes e uma rivalidade na disputa pelos cuidados maternos. Faz-se o reconhecimento do outro como rival e, portanto, objeto. O irmão constitui-se numa imago ou duplo, ideal e perseguidor. Em um segundo momento, o bebê reconhece o outro como um igual ao si-mesmo e pode conceber melhor a alteridade, assim como sua imagem de si.

Kehl, (2000) traz a função do semelhante como importante para a constatação, pela criança, da semelhança na diferença introduzida pelo irmão em seu campo narcísico, forçando uma reelaboração da relação especular com o eu ideal. O semelhante constitui-se em um objeto de ciúme, interesse, ódio e identificação. Assim, a inveja, além do aspecto da rivalidade, pressupõe um estado de identificação (Kaës, 2011), ao mesmo tempo em que introduz o sujeito à alteridade.

Jalley (2011) refere-se à obra de Lacan, entendendo que o psicanalista produziu suas elaborações atravessado pelas teorizações de Wallon e seu transitivismo. No complexo do intruso, argumenta, Lacan entende que acontece uma captação pela imagem do outro, um espelhamento do sujeito, que se identifica em seu sentimento de si com a imagem do outro. O transitivismo, por sua vez, seria relacionado à formação da imagem de si, mais do que com a empatia. Com as barreiras entre eu e outro nebulosas, aconteceriam identificações com o semelhante.

Jalley (2011) acrescenta que, para Wallon, o sentimento de ciúme em relação ao outro aparece aos 9 meses de idade e o de simpatia, aos 14. Podemos observar ambos, dentro de nossa faixa etária da pesquisa.

Ainda que esses autores se refiram, em sua maioria, a relações fraternas e entre adultos, podemos buscar entender suas proposições em relação ao que observávamos nos berçários. Sugerimos que o cuidado horizontal bebê-bebê possivelmente não seria uma transposição da vivência fraterna intrafamiliar, mas uma experiência semelhante à da própria fratria ocorrendo nas creches. É possível considerar que esses bebês se relacionam como se fossem irmãos, derivando daí a disputa pelos cuidados da educadora, a rivalidade e, em outros momentos, o cuidado entre eles? Propomos que o semelhante, no contexto da Educação Infantil, presta-se a relações de rivalidade e de identificações. Entende-se que a teorização de Lacan (1987) acerca do complexo de intrusão fornece uma explicação para o que se passa no par bebê-bebê, em que o ciúme e as identificações operam importante papel constitutivo, colaborando na introdução à alteridade.

Podemos entender que os movimentos de cuidado de um bebê em relação a outro podem referir-se a processos identificatórios que ocorrem entre eles. Pensamos que o transitivismo, como proposto por Wallon, pode ser um conceito interessante para entender esse cuidado ao semelhante. Entende-se que o observado nas creches reforça essas ideias.

Percebemos que a presença de rivalidade entre pares é abordada na teoria psicanalítica como parte fundamental da constituição psíquica. A disputa teria um importante papel para a diferenciação do bebê em relação ao seu semelhante, sendo o que possibilitaria uma tomada do outro como um objeto em sua dimensão de alteridade.

A partir das elaborações lacanianas e do transitivismo como proposto por Wallon, entendemos que o cuidado horizontal observado entre os bebês parece mais relacionado a um estado de identificação com o semelhante, do que a um movimento empático. Em um estudo futuro, compreende-se ser interessante estabelecer melhor teoricamente a diferença entre empatia e identificação.

Portanto, sugere-se uma potência para a constituição psíquica na relação entre os pares. Seja em momentos de cuidado ou de rivalidade, estabelecer-se uma relação entre bebês aponta a existência de processos subjetivantes fundamentais do psiquismo.

## • Referências

Brandão, D. (2012). Educador de creche e constituição subjetiva de bebês: uma articulação. *Retratos do mal-estar contemporâneo na educação*, 9. Disponível em [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000032012000100001&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032012000100001&lng=en&nrm=abn), acesso em 14 de Junho de 2016.

Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão - MP. (2010). Síntese de Indicadores sociais Uma análise das condições de vida da população brasileira. *Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica*, No. 27. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Recuperado em 19 julho, 2013, de [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoadevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2010/SIS\\_2010.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoadevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2010/SIS_2010.pdf)

Ferrari, A., Silva, M. & Cardoso, J. Projeto de pesquisa: *O impacto da Metodologia IRDI na prevenção de risco psíquico em crianças que frequentam creche no seu primeiro ano e meio de vida*. Julho de 2013.

Goldsmid, R. & Féres-Carneiro, T. (2011). Relação fraterna: constituição do sujeito e formação do laço social. *Psicologia USP*, 22 (4), p. 771-787.

Jalley, E. (2011). *Freud, Wallon, Lacan: a criança no espelho*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Kaës, R. (2011). *O complexo fraterno*. Aparecida, São Paulo: Ideias e Letras.

Kancyper, L. (1999). *Confrontação de gerações – estudo psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kehl, M. R. (2000). Existe uma função fraterna? In: Kehl, M. R. (org) (2000). *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Lacan, J. (1987). *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Mariotto, R. M. M. (2009). *Cuidar, Educar e Prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês*. São Paulo: Escuta.